

COMUNICAÇÃO, COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO AGRÍCOLA ENTRE PEQUENOS PRODUTORES EM MUNICÍPIOS DA REGIÃO DE ARARAQUARA

Licia Nara FAGOTTI¹

Introdução

Nos últimos anos o entendimento sobre o meio rural e a produção agrícola estão sendo reformulados também na sociologia. Autores como Veiga (2006) e Abramovay (2001), por exemplo, apontam a emergência de trabalhos que identifiquem características e implicações deste novo cenário produtivo.

O estudo que estou desenvolvendo busca entender a emergência de empreendimentos autogestionários organizados por pequenos produtores agrícolas no interior paulista em decorrência da proliferação de pequenas empresas agrícolas, denotando uma nova realidade produtiva e também um agente social de novo tipo que se coletiviza buscando melhorias para a produção.

A pesquisa perpassa os temas que passam a integrar estudos sobre o “novo rural” como da produção alternativa, cooperativismo e comunicação, relacionando a participação dos atores, pequenos produtores agrícolas, no processo de produção e consumo. Durante as pesquisas de campo do projeto Jovem Pesquisador² percebi algumas associações que se destacavam na região estudada, e poderiam contribuir na compreensão dessa nova dinâmica de interação entre os produtores. O campo empírico são três cooperativas/associações de pequenos produtores rurais em Boa Esperança do Sul, Ibitinga e Taquaritinga, todas próximas e localizadas no interior de São Paulo.

Estes recentes espaços se institucionalizam e mostram fundamental importância para o desenvolvimento local da região por meio da cooperação socioprodutiva, que se abre em redes e fluxos de informação. O desenvolvimento econômico e social de pequenos e médios produtores agrícolas é enriquecido quando atrelado à estes espaços de troca de informação, saberes e cultura. A formação de território produtivos, redes e fluxos de informação fortalecem o “local”, estimulando a cooperação, a troca e a construção de conhecimento. São associações que surgem em resposta à multiplicação e desenvolvimento de pequenos negócios agrícolas na região, formando um território produtivo caracterizado por empreendedores

¹ Bolsista CAPES. Mestranda em Ciências Sociais. UNESP – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras. Araraquara – SP – Brasil. 14800-901 - licianara@hotmail.com

² Compus projeto jovem pesquisador FAPESP, com pesquisa intitulada *Capitalismo cognitivo e a dinâmica da pequena produção agrícola ‘alternativa’ no contexto ‘local’ de Araraquara: o caso do SAI - Sistema Agroindustrial Integrado do SEBRAE/SP*, da qual a participação aconteceu via bolsa de treinamento técnico I – FAPESP em 2013.

Comunicação, cooperação e desenvolvimento agrícola entre pequenos produtores em municípios da região de Araraquara

agrícolas autônomos inseridos em uma nova organização do trabalho. Dessa forma, as cooperativas e associações são espaços favoráveis para esses agentes sociais transitarem nestes novos espaços institucionais.

No contexto das transformações produtivas, o trabalho ocupa lugar privilegiado nas relações sociais contemporâneas, e na maioria das vezes exige condicionamento às pressões do mercado e exclui perspectivas solidárias e de coletividade. Como alternativa a este modelo, pululam empreendimentos autogestionários com intuito, entre outros, de resgatar o trabalho enquanto suporte identitário, requerendo novos processos de subjetivação e resignificação da ação coletiva.

Gorz (2003) aponta as transformações da categoria trabalho na sociedade contemporânea, enfatizando que antes o trabalho regulado era o fator ou o fator central de sociabilidade. As transformações das forças produtivas são redefinidas, segundo o autor, requerendo à emancipação humana. Apontando para o paradigma da comunicação, Habermas (1984) assinala que a sociedade se baseia em ações comunicativas³, através da cooperação e da ação solidária, buscando o consenso e o entendimento mútuo.

O intuito desta análise é responder a necessidade de estudos que compreendam a realidade da pequena produção no Brasil e as possíveis alternativas para o seu desenvolvimento. É compreender e interpretar a ocorrência do que hipoteticamente temos como um novo modelo produtivo e de uma nova organização do trabalho.

Breve histórico

O universo das cooperativas e associações é um dos muitos espaços que não são caracterizados enquanto unidades de informação e comunicação, mas que concentram uma ampla possibilidade de conhecimentos, saberes e cultura (CAMPOS, 2007).

Assim, como o caso do desenvolvimento do capitalismo na Alemanha e nos Estados Unidos analisado por Weber (1979) a partir da perspectiva da formação agrária deste países, podemos fazer uma analogia com as atividades agrícolas atuais e o desenvolvimento local. O autor identifica características comunitárias internas como comunicação, interação, reciprocidade sendo fundamentais para o desenvolvimento do capitalismo moderno, desde

³ Habermas define a ação comunicativa como um plano de ação no qual sujeitos agem sobre as bases de uma definição comum de situação. Ou seja, na ação comunicativa há interação de, no mínimo dois agentes, que estabelecem relações interpessoais com o objetivo de alcançar uma compreensão sobre a situação em que ocorre a interação e sobre os respectivos planos de ação com vistas a harmonizar os interesses e as ações pela via do entendimento mútuo.

Comunicação, cooperação e desenvolvimento agrícola entre pequenos produtores em municípios da região de Araraquara

que não sejam baseadas em valores tradicionais, adaptando-se às novas condições de administração. Entendo as iniciativas associativas como parte integrantes deste novos espaços administrativos atuais onde permanecem saberes e culturas tradicionais aliados à novas formas gerenciais para melhorias nas atividades agrícolas.

Cooperativas são forma de representação política que agregam sentido para a produção e o consumo. São espaços como forma de ação e participação política, bem como a disseminação de preceitos para as novas formas sustentáveis de uso da terra, englobando processos de comunicação rural e redes de informação. Segundo a definição de Jacob Lima (2007), cooperativas são associações voluntárias de indivíduos que se coletivizam para a constituição de uma empresa de propriedade coletiva para atender demandas coletivas e individuais. Fundamentalmente, baseiam-se em valores de ajuda mútua, solidariedade, democracia e autonomia.

Lima (2007) aponta também para o fato de que a crise da “sociedade do trabalho” agregou direitos sociais à relação de trabalho, produzindo a necessidade de buscar alternativas de organização e autonomia dos trabalhadores. Iniciativas associativas de organização dos trabalhadores, denotam esse novo cenário produtivo global.

No Brasil, o cooperativismo foi se institucionalizando enquanto possibilidade de promover sustentabilidade e desenvolvimento econômico a partir do primeiro ano de governo Lula em 2003, quando houve o reconhecimento governamental de que este poderia contribuir para a transformação de um país mais justo nas dimensões sociais e econômicas (BRASIL, 2008).

Do ponto de vista prático, desacadearam-se discussões visando à eliminação dos entraves burocráticos que impediam a difusão das cooperativas nas dinâmicas da sociedade. Assim, houve mobilização geral visando a elaboração de propostas para atualizar a legislação do cooperativismo. Num contexto mais amplo, a ONU reconhece o papel social e econômico das cooperativas, declarando o ano de 2012 como o Ano Internacional das Cooperativas.

A Economia Solidária, é vertente importante para entender o debate acerca das cooperativas e iniciativas do gênero. A Secretaria Nacional de Economia Solidária (SENAES) foi criada no âmbito no Ministério do Trabalho e Emprego com a publicação da Lei nº 10.683 de 28 de maio de 2003 (BRASIL, 2003a) e instituída pelo Decreto nº 4.764, de 24 de junho de 2003 (BRASIL, 2003b) fruto da proposição da sociedade civil e da decisão do Presidente Luís Inácio Lula da Silva. Em consonância com a missão do Ministério do Trabalho e Emprego, o objetivo é viabilizar e coordenar atividades de apoio à Economia Solidária em todo o

Comunicação, cooperação e desenvolvimento agrícola entre pequenos produtores em municípios da região de Araraquara

território nacional visando assim à geração de trabalho e renda, à inclusão social e à promoção do desenvolvimento justo e solidário.

Segundo Gorz (2003) existe um processo imaterial de produção intrinsecamente ligado ao conhecimento produtivo de quem produz e pelo processo subjetivo que perpassam as associações, ou seja, cognitivo, portanto também dotado de conhecimento, saberes e cultura de quem produz e consome. Estas iniciativas de atividades agrícolas do interior paulista são locais privilegiados de cooperação produtiva e difusão do conhecimento. A ação dos agentes sociais cria condições favoráveis para a formação de territórios produtivos, conforme aponta Becattini (1994), em um estudo clássico sobre os chamados DI⁴ – Distritos Industriais Italianos. O modelo dos distritos denota também a emergência dos novos modos de produção intimamente ligada à constituição de formas de cooperação socioprodutivas incipientes no fordismo (COCCO; GALVÃO; SILVA, 1999).

Busco neste estudo, entender a formação das “redes” e das “convenções”, em suma, das instituições que permitem ações cooperadas que se cristalizam no âmbito do território (BAGNASCO, 1999). Também do que Gorz (2003) chama de “cooperação subjetiva” que em essência, faz parte das associações e cooperativas. Essa cooperação acontece na relação dialética entre o espaço de quem produz as informações e no espaço de quem consome essas informações. A “cooperação subjetiva” está contida nestes espaços, sendo forma alternativa de comunicação, se insere no campo afetivo e linguístico aliada a um sentido político que as organiza (HARDT; NEGRI, 2001).

Discussões em andamento

A produção dita “alternativa” compõem o cenário no qual as respectivas cooperativas se inserem. O conjunto de cooperativas em diferentes cidades forma territórios de cooperação produtiva e difusão do conhecimento (BECATTINI, 1994). Por produção alternativa entendo um modelo de produção e desenvolvimento agrícola diferente do modelo dominante do agro negócio. Neste contexto, entendo por “resistência” a iniciativa produtiva destoante do modelo hegemônico, isso porque baseada essencialmente num tipo de produção que evoca conhecimento, diferenciação, qualidade, escolha etc. (GORZ, 2003).

⁴ Os distritos industriais italianos surgem no pós-guerra, onde agentes econômicos se articulam viabilizando um processo de desenvolvimento da região por meio de ações cooperadas. O modelo do distrito industrial foi utilizado a partir de 1970 na região do Vêneto, na Itália, para proporcionar crescimento econômico com o fortalecimento de pequenos empreendedores, reunidos em consórcios ou cooperativas.

Comunicação, cooperação e desenvolvimento agrícola entre pequenos produtores em municípios da região de Araraquara

Trata-se dum modelo produtivo perpassado por valores e práticas vitais como a redução à agressão ambiental, valorização da biodiversidade, preocupação com o bem-estar dos animais, recuperação de sistemas econômicos até então considerados marginais, valorização da cultura e tradição local. Uma agricultura que valoriza a multiplicidade de fatores, todos qualitativos e que por isso se distancia, apesar de se relacionar, com a agricultura massificada e convencional (CAMPOS, 2010).

Na maioria das vezes as cooperativas surgem como formas de solidariedade e coesão social. As cooperativas e associações em muitos casos estão inseridas nos movimentos de resistência às forças homogeneizantes da globalização e da sociedade individualizada, sendo compostas por um “novo agente” que procura ampliar sua liberdade de ação social e fortalecer os laços cooperativos e associativos que englobam os interesses de seus pares.

As cooperativas desenvolvem a comunicação dialógica conforme o termo cunhado por Paulo Freire (1977) e segundo o autor, para que aconteça comunicação, é necessário a reciprocidade, ao invés de passividade, é o diálogo que caracteriza a comunicação. A comunicação implica um diálogo entre sujeitos mediados de conhecimento que por sua vez decorre da experiência e do trabalho cotidiano. Entre pequenos produtores cooperados existe o processo de capacitação rural e desenvolvimento sustentável em atividades agrícolas no interior paulista (CAMPOS, 2011). A ação cooperada perpassa as dimensões sociais relacionando os produtores com a troca de conhecimento e informação acerca dos processos de produção, consumo e comercialização

A formação dos aglomerados de cooperativas e associações engendra comunicação e partilha que pode ser caracterizada como de pequena escala, também denominada alternativa, popular ou comunitária, mas que se torna expressiva porque está dispersa por todo o país e se multiplica de diferentes maneiras e em diferentes lugares (PERUZZO, 2006). São construídas assim resistências que deixam de ser marginais uma vez que saem da condição de isolamento, tornando-se ativas numa sociedade que se abre em redes (HARDT; NEGRI, 2001).

Os agentes produtivos ou filiados das cooperativas que estudarei tem os empreendimentos nos municípios de Boa Esperança do Sul, Ibitinga e Taquaritinga. A distribuição dos produtores nessas cidades resultou na criação de uma região própria, permitindo a construção de uma identidade local. Como é sabido a região formada por essas cidades é marcada pela monocultura de cana-de-açúcar e laranja, todavia, segundo dados referentes ao Projeto LUPA 2007/2008 (SÃO PAULO, 2009) o número total de propriedades dessas três cidades é de 3.578, das quais cerca de 75% representam pequenas e médias propriedades, validando a importante participação desses empreendimentos no setor agrícola

Comunicação, cooperação e desenvolvimento agrícola entre pequenos produtores em municípios da região de Araraquara

da região. Em Boa Esperança do Sul, por exemplo, 34,2% dos proprietários participam de associação

Dados produzidos pela pesquisa (FAPESP 2010/50857-7) que estive envolvida como bolsista técnica mostra que 75% dos 53 produtores entrevistados são cooperados em associações. Os que não participam, 49,1% já participaram em algum momento da profissão. Os que participam, 84,9% afirmam que é vatanjoso ser cooperado. A principal vantagem citada é a troca de informação, a compra de insumos e a comercialização. Seguida pelo fortalecimento da relação com os produtores e a certificação coletiva da produção orgânica.

Por meio das associações se estabelecem relações entremercado, território, identidade e cultura fortalecendo o sentido da localidade (SABOURIN, 2002). A identidade do grupo é um item importante a ser observado pela comunicação, sendo processo de resistência, que se afasta, mas não se separa das dinâmicas de globalização e ao uso de novas tecnologias de comunicação. A formação dessas comunidades de pequenos produtores rurais através das associações, vinculam-se através dos laços de solidariedade, fortalecem a identidade dos indivíduos e a formação de grupos e interesses. Essa interação interna das associações aproximam os produtores dos impasses e problemas concretos que precisam ser superados como condicionante do desenvolvimento rural e local dessa região.

No mais significa entender a composição orgânica de um tipo de produção, bem como de que maneira tais instituições se relacionam com os agentes que a produziram. Quem são os agentes produtivos em termos de práxis social, o que pensam e como atuam coletivamente do ponto de vista da produção.

Espero assim melhor entender e contribuir com o debate amplo sobre organização do trabalho, alternativas de renda, desenvolvimento local, alternativas produtivas e modelos diferenciados, cooperação, resistência produtiva, comunicação, dentre outros. Penso que são temas que me conduzirão para o centro do debate sobre a nova organização ou configuração do capitalismo entendido como capitalismo cognitivo e trabalho imaterial.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, R. Ruralidade e desenvolvimento territorial. **Gazeta Mercantil**, São Paulo, 15 abril 2001.

BAGNASCO, A. Desenvolvimento regional, sociedade local e economia difusa. In: COCCO, G.; URANI, A.; GALVAO, A. P. (Org.). **Empresários e empregos nos novos territórios produtivos**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999. p.33-45.

Comunicação, cooperação e desenvolvimento agrícola entre pequenos produtores em municípios da região de Araraquara

BECATTINI, G. O distrito marshalliano: uma noção socioeconômica. In: BENKO, G.; LIPIETZ, A. **As regiões ganhadoras**: distritos e redes: os novos paradigmas da geografia econômica. Oeiras: Celta, 1994.p.45-58.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Cooperativismo**. Brasília, 2008.

_____. Lei nº 10.683, de 28 de maio de 2003. Dispõe sobre a organização da Presidência da República e dos Ministérios, e dá outras providências. **Diário Oficial [da] União**, Brasília, 29 maio 2003a. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.683.htm>. Acesso em: 06 abr. 2015.

_____. Decreto nº 4.764, de 24 de junho de 2003. Aprova a estrutura regimental e o quadro demonstrativo dos cargos em comissão e das funções gratificadas do ministério do trabalho e emprego, e dá outras providências. **Diário Oficial [da] União**, Brasília, 25 jun. 2003b. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2003/D4764.htm>. Acesso em: 06 abr. 2015.

CAMPOS, R. L. S. A região de Araraquara e a constituição do local: experiência em desenvolvimento Rural a partir do SAI - Sistema agroindustrial integrado. **REDD: Revista Espaço de Diálogo e Desconexão**, Araraquara, v.4, p.01-23, 2011. Disponível em <<http://seer.fclar.unesp.br/redd/issue/view/436>>. Acesso em: 18 abr. 2014.

_____. **Capitalismo cognitivo e a dinâmica da pequena produção agrícola “alternativa” no contexto “local” de Araraquara**: o caso do SAI – Sistema Agroindústria Integrado do SEBRAE/SP. 2010. Projeto Temático Jovem Pesquisador apresentado a Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2010.

_____. Desenvolvimento rural, conhecimento e cooperação como força produtiva. **Perspectivas: Revista de Ciências Sociais**, Araraquara, v.32, p.161-180, 2007.

COCCO, G.; GALVÃO, A. P.; SILVA, M. C. P. da. Desenvolvimento local e espaço público na Terceira Itália: questões para a realidade brasileira. In: URANI, A. et al. **Empresários e empregos nos novos territórios produtivos**: o caso da terceira Itália. Rio de Janeiro: DO&A, 1999. p.13-32.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

GORZ, A. **Metamorfoses do trabalho**. São Paulo: Annablume, 2003.

HABERMAS, J. **The theory of communicative action**. Boston: Beacon Press, 1984. (Reason and the rationalization of society; v.1).

HARDT, M.; NEGRI, A. **Império**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

LIMA, J. C. Trabalho flexível e autogestão: estudo comparativo entre cooperativas de terceirização industrial. In: LIMA, J. C. (Org.). **Ligações perigosas**: trabalho flexível e trabalho associado. São Paulo: Annablume, 2007. p.127-169.

Comunicação, cooperação e desenvolvimento agrícola entre pequenos produtores em municípios da região de Araraquara

PERUZZO, C. M. K. Revisitando os conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 29, 2006, Brasília. **Anais...** Brasília: Ed. da UnB, 2006. Disponível em: <<http://www.unifra.br/professores/rosana/Cicilia%2BPeruzzo%2B.pdf>>. Acesso em: 18 maio 2014.

SABOURIN, E. Desenvolvimento rural e abordagem territorial. In: SABOURIN, E.; TEIXEIRA, O. (Org.). **Planejamento e desenvolvimento dos territórios rurais**. Brasília: Embrapa, 2002. p.21-37.

SÃO PAULO (Estado). **Projeto LUPA 2007/2008**: Censo Agropecuário do Estado de São Paulo. São Paulo: CATI/IEA/SAA, 2009. Disponível em: <<http://www.cati.sp.gov.br/projetolupa>>. Acesso em: 12 fev. 2015.

VEIGA, J. E. Nascimento de outra ruralidade. **Estudos Avançados**, São Paulo, v.20, n.57, p.333-353, 2006.

WEBER, M. **Ensaio de sociologia**. Organização e introdução de H.H. Gerth e C. Wrigth Mills. Tradução de Waltensir Dutra. Revisão técnica de Fernando Henrique Cardoso. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.